

NOTAS

1º CONCURSO DE CRÔNICAS – 2º SEMESTRE DE 2007

Promovido pelo Curso de Letras, o 1.º Concurso de Crônicas, aberto à Comunidade Acadêmica da Universidade Guarulhos, apresentou durante a 3.ª Jornada de Letras as cinco crônicas finalistas, escolhidas por Comissão Julgadora especializada, obedecendo à seguinte classificação:

1º LUGAR

Autor: Nelson Bellintani – Letras

Título da Crônica: Caso Aéreo

Éramos cento e oitenta e sete pessoas e estávamos a bordo de uma aeronave “ AIRBUS” - 320.

Todos os passageiros à frente pertenciam ao Poder Executivo. As poltronas do meio foram destinadas ao Poder Judiciário. O restante dos assentos foi reservado ao Poder Legislativo e às Empresas ligadas ao setor aéreo. Os tripulantes eram o piloto, o co-piloto e três comissários: duas jovens simpáticas e um rapaz gentil.

A aeronave possuía dois sanitários, um localizado próximo à cabine, e o outro, ao lado da porta traseira.

Estávamos a 900 quilômetros por hora, sobre as nuvens de um céu de brigadeiro. Já tínhamos almoçado e aguardávamos o cafezinho.

Meia hora depois, viam-se duas filas opostas com destinos aos sanitários. Eles pareciam ter pressa, eram trinta pessoas de um lado e cinquenta e quatro do outro. A estranha refeição servida no almoço tinha deixado dezenas de pessoas com dor de barriga. O equivalente aconteceu comigo, desejei que o avião se acabasse em vaso sanitário.

O chefe do Poder Executivo declarou que o primeiro lugar da fila deveria ser dele, já que ele era o representante de honra do partido majoritário.

O nobre colega do Poder Legislativo alertou para a necessidade da instauração de uma CPI, a fim de que fossem verificadas as causas da má digestão.

O representante das empresas do setor aéreo dis se que a culpa tinha sido do piloto.

Não obstante, o Meritíssimo Juiz concluiu que não havia condenação, sem o trânsito em julgado da sentença condenatória.

Eu, um simples representante do povo, assistia perplexo. O presidente alegou que não tinha conhecimento da gravidade do problema. Sua medida foi trocar o piloto pelo co-piloto, e esclareceu que assim teria um maior número de funcionários para controlar as filas.

Argumentei que isso não era função de piloto, mas os parlamentares aprovaram as medidas do chefe da Nação, já que o seu partido era a maioria na Casa. Para complicar ainda mais, os dois vasos sanitários entupiram. No entanto, a aeronave seguia o seu destino.

Percebia-se em todos o forte desejo de chegar. Tinham pressa e não estavam mais agüentando. Eu me fazia de forte.

O co-piloto anunciava o preparo para a aterrissagem. Todos deveriam estar em suas poltronas e com os cintos afivelados. Passados alguns minutos, informaram-nos de que a aeronave apresentava defeito. Criou-se uma forte pressão no sistema de freio, provocada por jatos de fezes, que se infiltraram nas ranhuras de um dos reversos.

Houve uma mobilização geral: o presidente trocou o ministro, convocou o Congresso e quis saber da pista reformada. Enquanto isso, o co-piloto informava quais eram as novas medidas do governo, além de solicitar a todos que mantivessem a calma. Então, eu não agüentei... Pedi um penico à comissária. “Avião pousa forçado, devido aos dejetos humanos: Nenhuma morte. Comentaristas políticos asseguraram que a atribuição dada às necessidades fisiológicas atenuou a responsabilidade do governo.” JP – Jornal Parcial, 20h30 (18/07/2007).



2º LUGAR

Autora: Débora Elyodora Cantadeiro - Design

Título da Crônica: Blogueando

Oi migas... tudo bom com vcs? Bem, como podem perceber são 3h da madrugada e eu estou totalmente sem sono, ai resolvi postar pra vcs. É q eu tava lendo um livro de crônicas do Fernando Veríssimo e fiquei pensando: "Qual seria a diferença entre um cronista e um blogueiro?"... Nesse mesmo livro, ele diz em uma de suas crônicas q ele é o *Gigolô das Palavras*, aliás esse é o nome do livro... ai fiquei imaginando q se ele q é ele... é o Gigolô das Palavras, as blogueiras devem ser as *Prostitutas do Português*, né? RRrrrsss... pq na visão de quem não é blogueiro a gente avacalha com o coitado, rrrsss... Bem, filosofando um pouquinho... Não! Filosofando não... blogueando! Então... blogueando um pouquinho... cheguei a uma semelhança e não a uma diferença, rrrsss... a de q um cronista escreve coisas sobre o seu dia a dia, e um blogueiro tb. Aí eu continuei filosofando... ou melhor, blogueando... se a diferença então estaria na forma de escrever... A gente aqui no blog escreve tudo truncado, com uma linguagem bem popular, totalmente fora da forma padrão... mas o cronista é todo certinho, tipo assim, rrrsss... o cronista nunca escreveria "tipo assim", pq é feio, vixi e abreviar palavras então? Nem pensar! Mas repetir palavras eu vi q pode pq o Veríssimo em uma de suas crônicas repete várias vezes a mesma expressão. Tem... ixi não é "tem" é "há", rrrsss... outro furo q o cronista não faz. Bem, há um outro texto dele chamado *O Popular* em q ele repete a expressão "O Popular" 25 vezes em 7 parágrafos, rrrsss... juro! Tive a curiosidade de contar. Não migas, um cronista é demais, blogueiro pode até nunca chegar a ser um cronista, mas todo cronista daria um óotimo blogueiro. Como será q o Veríssimo seria se ele tivesse começado a escrever em um blog em vez de em uma máquina de escrever ou com uma caneta e papel? Será q ele teria se tornado um cronista ou continuaria sendo um anônimo blogueiro? O q vcs acham migas? Alguém aí arrisca um palpite?

Putz! Tem... tem não, há... Há uma crônica dele aqui... nesse livro... com o título de "O Flagelo do Vestibular" q é muito loko migas... Esse texto daria um ótimo post. Sabe aqueles q a gente lê, ri muito e tem vontade de deixar comentário, pois é assim q seria migas. Eu acho q vou mandar um email pro Veríssimo perguntando se ele não quer criar um blog... Nossa! O blog dele ia bombar de audiência, com certeza. Pq migas, um cronista escreve tudo certinho pra poder alcançar um público muito maior..., não fala "tipo assim", não resume "os porquês" da vida, não usa um monte de 3 pontinhos pra tudo, nem escreve "pra"... nem usa número em algarismo pra dizer quantidade... na crônica se escreve 3, tipo assim: Três! Olha q loko, rrrsss... tem que ser tudo dentro dos conformes da língua portuguesa, ou seja, da gramática normativa! E acho q essa é a maior diferença entre nós blogueiros e o cronista. Pq a gente escreve só pra gente e eles escrevem pra todo mundo. Mas quem sabe um dia todo mundo não vira blogueiro e descobre q pra se comunicar só precisam as duas partes entender o mesmo código! Aí a gente q já é blogueiro acaba virando cronista, né?

Bem, mas enquanto esse dia não chega, migas, se te pedirem pra falar de alguma coisa no vestibular em forma de crônica, não vai dar mancada e ficar blogueando, ok? Se não, vc toma pau no vestibular, blz? RRrrrsss... Quero dizer: — Se na prova do vestibular houver um tema para ser desenvolvido em formato de crônica, escreva-o como faria o Fernando Veríssimo. Caso contrário, você será reprovada na redação do vestibular, está certo?

Beijus migas! T+ então!



3º LUGAR

Autora: Iolanda da Silva Rodrigues – Letras

Título da Crônica: A Arte Incomparável de Escrever

Eu queria muito escrever. Não só por escrever, mas tinha de ser algo significativo, que pudesse ajudar as pessoas a raciocinar e a tirar proveito do que lessem. Eu era boa em gramática e em leitura, mas escrever? Bem, as idéias fervilhavam na minha cabeça. Eu tinha tudo ali guardado, mas na hora de colocar no papel isso era outra história: Sintetizava tudo em três ou quatro frases e lá se ia meu trabalho por água abaixo.

Na quarta série primária havia uma menina, a Yara. Ela escrevia como ninguém. A professora se encantava com as redações dela e eu ficava ali, frustrada porque queria escrever como a Yara. O Clóvis também. O Clóvis era o melhor aluno da sala e como sabia escrever! Construía textos maravilhosos com uma facilidade de quem brinca com as letras. Eu queria escrever como o Clóvis.

O tempo passou e cheguei à Universidade. Lá conheci pessoas que sabiam escrever. Os professores expressavam-se e escreviam numa linguagem erudita, fascinante, diferente de tudo que eu conhecera até então. Alguns alunos eram brilhantes: O Benê ganhou o primeiro lugar no concurso de poesias e a Gabriela ganhou o quarto lugar. Eu queria escrever como eles.

Havia também a Adriana. Ela tinha um cérebro privilegiado. Parecia que as idéias brotavam diretamente de sua cabeça para o papel. Devo confessar que quando fazíamos os trabalhos, na maioria das vezes, era eu quem organizava suas idéias, gramaticalmente falando. Mesmo assim eu queria escrever como a Adriana.

Lembro-me de uma aula em que a professora falou muito a respeito de se ler jornais. A princípio achei que não havia cabimento em comprar jornal, uma vez que posso assisti-lo sentada confortavelmente no sofá em frente da televisão. No desenrolar da aula, porém, percebi que o noticiário da telinha é algo superficial, porque passa muito rapidamente e não conseguimos meditar a respeito da informação; que para eu escrever sobre algo preciso não só saber o fato, mas ter um conhecimento mais profundo sobre ele.

A partir daí, raciocinei que se lesse os jornais poderia observar atentamente como os jornalistas escrevem e poderia aprender com eles, porque eu ainda queria escrever. Comecei, então, a ler os jornais. Eu queria escrever como os jornalistas. Mas não conseguia.

Tentei vez após vez, até que um dia parei e me perguntei por quê. Por que eu não conseguia escrever? As idéias fervilharam de novo em minha cabeça e finalmente obtive a resposta: Durante toda a minha vida eu tentara escrever como a Yara, o Clóvis, o Benê, a Gabriela, a Adriana e como tantos outros, mas nunca tinha tentado escrever como eu mesma!

4º LUGAR

Autora: Maria Cecília Aristoifanelli – Letras

Título da Crônica: Esses Alunos...

E lá estava eu, sentada ao fundo de uma sala de aula do Ensino Fundamental da Rede Pública, tentando ouvir o que o professor falava. De fato, não pude.

De repente um aluno me fita fixamente, olha para um colega e pergunta: “Quem é “essa aí”?”

De quem ele falava, de mim??? “Essa aí”??? Já tinha recebido várias outras formas de tratamento – senhora, moça, dona, tia – mas “essa aí” doeu!!! Porém, continuei sentada, muda, impávida, tranqüila e infalível como “Bruce Lee”, apenas observando e me perguntando: “Será a minha presença um incômodo para essa criançada e o motivo de todo este falatório?”

Talvez... Mas os minutos corriam e tudo continuava igual. Ou pior...

O pobre professor fazia a chamada, ou tentava fazê-la. Quando já estava no número 37, um aluno do fundo gritava:



— Professor, o 28 “tá qui”.

E, ao final, três ou quatro deles rodearam a mesinha do mestre, porque não *havia percebido antes* que a chamada estava sendo feita.

Pudera! Com tanto barulho, quem poderia perceber alguma coisa?

E lá se foram uns dez minutos dos ricos cinqüenta...

E levantou-se o professor para cobrar um trabalho, o qual havia sido solicitado há tempos, porém o prazo de entrega estava vencido e poucos o entregaram. E foi uma tremenda confusão:

— Que trabalho é esse?

— Do que esse doido “tá” falando?

— Professor, não sei de trabalho nenhum, não.

— “Pra” quando é mesmo esse trabalho aí, “fessor”?

E perderam-se mais uns dez minutos na explicação do bendito trabalho, e, é claro, o prazo para entrega foi prorrogado pelo gentil “japinha” (era um dos apelidos “carinhosos” que os alunos lhe davam).

Concluída essa etapa, que tal iniciarmos a aula? Bem, as “crianças” não gostam muito dessa parte, afinal ainda nem colocaram os assuntos da véspera em dia! As meninas não fizeram a maquilagem, alguns garotos querem ir ao banheiro; e quantos deles – mas quantos! – estão com sono e só querem o direito de ficar quietinhos, com a cabeça deitadinha na carteira, sem fazer nada, nada... e só dormir.

Mas o professor é persistente, e após uns cinco minutinhos de blablabla ele começa a passar no quadro uma tarefa, pequenina, de revisão. Para quê! Nova revolta na sala:

— Revisão? Mas eu faltei ontem, nem sei do que “você” está falando!

— Ah, “meu”, exercícios, agora? Logo cedo? Eu nem acordei!

— Fala sério, professor. É muita coisa? Porque eu “tô” cansado.

— É “pra” entregar? Vale ponto na média?

— Ah, mas eu esqueci meu caderno, como vou ver a matéria?

Mas o maestro, já “escolado”, com muita paciência responde a algumas questões, e continua sua atividade. Enquanto isso... às suas costas...

A sala “pegou fogo”, é um corre-corre. Rodinhas para jogar um baralhinho; pega-pega entre as carteiras; pula-pula sobre cadeiras e colegas; “brincadeiras” de mão, joguinhos e fotos no celular, sem falar nos MP3, 4, 5, IPOD que não pode em sala de aula, e por aí segue a confusão. Mas confusão é pouco, é um verdadeiro furdunço, já que tudo isso vem acompanhado de muita gritaria e palavrões.

Entretanto o calmo – e põe calmo nisso – professor, senta-se e avisa:

— É para hoje e vale ponto.

Mas alguém ouviu a mensagem? Claro que sim. Primeiramente eu, que lá do fundo, atenta a tudo observava a todos e só lamentava meu futuro... Bem, mas alguns alunos também ouviram, aqueles que ainda querem aprender, que ainda respeitam os professores, o patrimônio público e conservam os bens da escola; esses que amam e respeitam seus pais e sabem o quanto sua educação é importante para eles, e, é claro, aqueles que se respeitam e valorizam seu tempo e se preocupam com seu futuro. Mas esses são a minoria (que pena!).

E neste momento quero falar é da grande maioria, da massa. Dos que dominam a escola, seus funcionários, dirigentes e professores.

Então voltemos à sala de aula. Já se passaram ao menos uns trinta minutos e ainda restam vinte, mas os alunos continuam em pé, correndo, cantando, fofocando, xingando... Meu Deus! Pergunto-me se não farão a tarefa, afinal vale ponto! Vai ajudá-los a recuperar aquelas horríveis notas vermelhas que sacaram na prova... Mas que nada! Não fosse pelo corre-corre e os palavrões, eu diria que estavam numa reunião de amigos num sábado à tarde... A não ser que os encontros deles sejam mesmo assim... Será?

Que ingenuidade a minha, que a princípio pensara que a minha presença fizesse alguma diferença para eles; que só faltavam passar por cima de mim!



Enfim o sinal de intervalo entre aulas tocou e foi uma debandada geral. Um atropelo que deixava para trás cadernos, mochilas e carteiras caídas ao chão. Um “tsunami” ao qual eu e o “japinha” sobrevivemos afinal.

E parti da escola, atônita, pasma, sem entender direito o que se passara... e com o cansaço e a estranha sensação de quem havia enfrentado um “simba-safari”.

5º LUGAR

Autora: Rosana Corrêa Marcondes

Título da Crônica: À Portuguesa

Subitamente, num romper de frases, surge a voz velada, veludosa voz, que em toda a sua musicalidade me instiga e me desperta: “Bom dia”; é portuguesa pois.

Uma mulher envolvida atrás dos livros que carregava nos braços, e das gafas<?????> que disfarçavam o seu olhar, punha-me à dúvida o humor que despertaria naquele instante.

“Há no ambiente um murmúrio de queixume.” A fala, marcada já em minha memória, acabara de citar viagens: um trecho do Gigante Adamastor e a próxima a ser cobrada nas formas convencionais do estudo, aquela sim, sim, a de Garret ou ainda a que Jorge fazia ao deixar Luísa.

A mulher citava, falava e recitava, e já entrelaçada no contexto a ser dividido aos poucos que ali estavam, colocava-se educadora, verdadeira, forte, firme, com pés lá na verdadeira Portugal, na sua raiz e também de quem ela falava e, por conseguinte, para quem se falava.

O que é essa portuga – assim a chamam os que a ouvem– se não o próprio ser carregado da bagagem da sabedoria e da gana e da vontade, sim, da mesma vontade que teve Pessoa em mostrar em suas faces a capacidade que a mente humana tem.

Ora Caeiro, ora Campos, ora Reis, ora Pessoa, ora pessoa assim comum, celeste.

It’s a shame! Os instantes passados não foram na sua presença que vivi. Carregarei daqui pedacinhos de Camões e páginas de cartas de um mundo de Sofia talvez, mas não, não por ela.

A idéia é relacionar o ontem, o ocorrido e o agora, e esse último, é ela. É dela que carrego personificação, sinestesia, aliteração, correspondência que se faz até com Millôr Fernandes, humorista, jornalista, teatrólogo, tradutor, que brinca de inventar palavras. E, nem por ela, a Farsa, é sim, a de Inês.

Aprenderiam todos os que a ouvem? Entenderiam-na?

Assim como Eurico, D. Manoel de Lisboa, ela deixara nos poucos que a conheceram a compreensão do caráter e dos momentos de abstinência que o homem deve ter.

E na messe que entristece e enlourece fica a simbologia de sua musicalidade martelando mentes ao longo de vidas metafóricas.